

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

Condições da assignatura (sem brinde)		Editor e administrador	Condições da assignatura (com brinde)	
Por anno (Portugal e Hespanha)	800 reis	JOSÉ FRUCTUOSO DA FONSECA Redactor A. PEIXOTO DO AMARAL	Por anno (Portugal e Hespanha)	940 reis
Provincias ultramarinas, e União geral dos correios	1\$100 »		Provincias ultramarinas, e União geral dos correios	1\$500 »
India, China e América.	1\$280 »	Typ. de J. F. Fonseca—Pizarra, 74	Numero avulso	100 »

SUMMARIO

Provisão do Rev.^{mo} Snr. D. Antonio Barroso—
Provisão do Rev.^{mo} Snr. Arcebispo Bispo
do Algarve—Provisão do Rev.^{mo} Snr. Bispo
do Funchal—Devoção a Maria, Mãe de
Deus e Mãe dos homens—SECÇÃO DOCTRINA-
L: A funcanata socialista, pelo snr. A.
Peixoto do Amaral—SECÇÃO CRITICA: Car-
cere privado, pelo snr. G.; O indicador ele-
ctrico, pelo snr. R.; Socialismo, christianismo
e catholicismo, pelo snr. A. Silva Ferreira—
SECÇÃO LITTERARIA: Mez de Maria; Milicia
Christã, pelo rev. dr. José Rodrigues Cos-
gaya—SECÇÃO HISTORICA: Galeria de ho-
mens notaveis da Companhia de Jesus, pelo
rev. padre João Vieira Neves Castro da
Cruz; O convento e freguezia de Muncellos—
Situação e descripção, pelo rev. padre José
Victorino Pinto de Carvalho—SECÇÃO NE-
CROLOGICA—SECÇÃO ILLUSTRADA: A segunda
campanha de Nabuchodonosor; A parábola
da vinha—SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA—SECÇÃO
Noticiosu.

Gravuras: A parábola da vinha; A se-
gunda campanha de Nabuchodonosor.



A parábola da vinha

D. ANTONIO JOSÉ DE SOUZA BARROSO, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica Bispo do Porto, Prelado Assistente ao Solio Pontificio, do Conselho de Sua Majestade Fidelissima, Par do Reino, etc.

**Aos que esta Nossa Provisão virem saude,
paz e benção em Jesus Christo**

Fazemos saber que pelo editor catholico José Fructuoso da Fonseca Nos foi exposto que tendo publicado em 1893 as Cartas Encyclicas do Santo Padre Leão XIII, e que desejando continuar com esta publicação revista pelo Presbytero Manoel Marinho, Nos requeria a respectiva auctorisação: E attendendo Nós ao fim louvavel do requerente, e ao zelo e illustração do Rev. Manoel Marinho;

Havemos por bem não só consentir na publicação das Cartas Encyclicas do Santo Padre Leão XIII como recommendá-las aos fieis e sobretudo ao Clero d'esta Nossa Diocese.

Dada no Porto e Paço Episcopal, aos 26 de janeiro de 1900, sob Nosso Signal e Sello de Nossas Armas.

ANTONIO, Bispo do Porto.

Tendo o editor catholico—José Fructuoso da Fonseca—residente na Cidade do Porto, publicado em dois volumes muitas das **Encylicas do SS.^{mo} Padre Leão XIII**, ora felizmente reinante na Igreja de Deus, propondo-se publicar em um terceiro, já no prelo, as demais Encyclicas: E considerando Nós quanto convem aproveitar meio tão prompto e facil, para o conhecimento pleno e cabal de tão excelsos e valiosos monumentos de profundissima sabedoria e zelo infatigavel do Glorioso Pontífice, a bem da salvação das almas e dos verdadeiros e legitimos progressos da sociedade humana: Havemos por bem recommendar aos Nossos caros diocesanos e, com especialidade, ao Reverendo Clero, a leitura de uma obra de tão elevada importancia, e cuja publicação fôra competentemente auctorisada.

Dada no Paço Episcopal de Faro, aos 8 de Março de 1900.

ANTONIO, Arcebispo Bispo do Algarve.

**O Bispo do Funchal ao Clero e Fieis da sua diocese, saude e paz em
Jesus Christo, nosso divino Redemptor.**

Ha já annos que o Editor catholico da cidade do Porto, José Fructuoso da Fonseca, apprehendeu a publicação em volume das notaveis cartas **Encylicas do nosso Santissimo Padre, o Papa Leão XIII**; e agora se propoz continuar esta empresa, que é tão util como louvavel. Com effeito ninguem ha que não conheça a sublime personalidade do Papa, em o qual não sabemos que mais admirar; se a sciencia profunda, se a piedade fervorosa, se a prudencia consummada, se o zelo vivissimo e constante. E assim que immenso valor hão de ter todos os documentos por Elle produzidos, durante o seu longo e brilhantissimo Pontificado! Pois ahi se traduz aquella alma privilegiada, enriquecida copiosamente pelos dons da natureza, esmaltada pelos thesouros da graça; e d'uma graça especial que Jesus Christo dispensa ao seu Vigario.

Desde a sua exaltação á cadeira de S. Pedro que o Papa vem fallando aos principes e aos povos, para premunil-os contra os graves perigos do tempo presente, que consistem particularmente nas doutrinas dissolventes, propaladas com terrivel insistencia pelos apostolos da anarchia, filiados em associações criminosas, manobrando nas trevas e á luz do dia com audacia e pertinacia devéras temerosas. Como aos reis e aos povos, tem o Papa fallado aos Bispos e aos Sacerdotes estimulando-os ao combate e instruindo-os no melhor systema de batalhar, qual é o estudo aturado das sciencias theologicas, philosophicas e moraes, bebidas nas mais puras fontes; na disciplina austera e salutar que ensinam os mestres da vida espiritual.

Aos membros das Congregações religiosas tem o Pontífice animado, dirigido e louvado para os collocar na vanguarda do exercito da Igreja, onde todos devemos reconhecê-los e segui-los. E porque tambem elles são os que correm lá ao longe para dissipar as trevas do erro e semear a moral christã nos paizes infieis, quer Leão XIII que todos offereçamos o auxilio material que reclamam as missões.

Como tem fallado ás igrejas dissidentes para convidal-as a virem reunir se á Santa Igreja Catholica romana, mãe e mestra de todas as igrejas! Com as entranhas de pae carinhoso e com a auctoridade soberana de Mestre infallivel. Com inexcédivel interesse e paternal carinho se tem dirigido aos operarios, esta porção numerosa do rebanho, para os persuadir de seus deveres, aconselhando-lhes a paciencia no trabalho, a submissão aos superiores, a pratica da religião e o amor da familia.

Em summa, não tem escapado ao Pastor vigilante uma só das necessidades do rebanho que não tenha procurado remediar, e por isso as suas Encyclicas são compendios luminosos que todos devemos manusear; lições indispensaveis na epocha presente, de modo especial ao Clero para saber tambem prégar e desempenhar-se condignamente de seu alto ministerio.

Agradecimentos e louvores ao catholico Editor por sua bóa empresa.

Funchal 2 de Maio de 1900, sob nosso signal e sello.

MANUEL, Bispo do Funchal.



DEVOÇÃO A MARIA

Mãe de Deus e Mãe dos homens

Pensae em Maria. — Não temas, porque Maria, a nossa Mãe, é a «Ancora firme da nossa esperança, a ancora da nossa salvação, a nossa ancora segura e inabalavel. Ella faz cessar as calamidades que pesam sobre nós, e nos livra de todas as tribulações» (S. J. Damasc.).

Invocae a Maria. — O' Senhora, ó Mãe, ó refugio de minha alma! O temor da morte eterna conturbou o meu coração, mas eu confio em ti, ó minha doçura, porque tu «feres os demonios, e curas o nosso coração ferido pelo pecado» (S. J. Damasc.); «tu trabalhas constantemente por nos dar a verdadeira paz, a tranquillidade da consciencia» (Dion. Carth.); «tu és a porta do céu, e todos que por ella entrarem serão salvos» (Alb. Magno).

Alegrae a Maria. — Se alguém te injuriar, se alguém te perseguir, vingate recitando por elle a saudação Angelica tantas vezes quantas te vires injuriado e perseguido. *Não soffrerá eterna condemnacão a alma por quem Maria uma vez orou (Santo Anselmo).*

SECÇÃO DOCTRINAL

A funcçanata socialista

CELEBROU o partido socialista o seu chamado *jubileo do trabalho*. E, para isso, deixou êrmas as officinas, depôz o martello, a serra e o escopro, deixando que emmudecesse o silvo das locomoveis, que nos dias ordinarios tanto anima a faina dos que trabalham.

E, para em tudo serem incoherentes, saíram os socialistas com os fatos domingueiros para a rua, e encaminharam-se para os cemiterios.

Porquê e para quê? Pois se, nas suas theorias irracionalmente insensatas, a alma não existe; se o corpo, logo que cessa a vida, não passa d'um acêrvo d'immundicies que só serve para fecundar a terra, para que essa consagração dos cemiterios?

Mas fizeram-na; e fallaram varios

oradores, ácerca dos serviços feitos á seita pelos operarios fallecidos, cujas virtudes civicas e dedicacão ao trabalho, em mal alinhavadas phrases, souberam apresentar.

E de tarde formaram um *cortejo*, que percorreu varias ruas da cidade, ao som da gritaria dos operarios, que, desejando obter o seu *desideratum* que se resumia em 8 horas de trabalho, 8 horas de estudo, e 8 horas de descanso, deram vivas ao 1.º de maio, ás *reivindicacões* sociaes, e morras aos *jesuitas!*

E a auctoridade que, em grande numero, acompanhava o bando, ouviu silenciosamente que se offendessem pessoas ausentes, reconhecidamente pacificas e inoffensivas, e que nenhuma influencia directa ou indirecta tiveram na questão de que se trata; a não ser que quizessem encaminhar os loucos e desvairados, para a senda da justiça e da verdade.

E no dia seguinte os jornaes *ultra-avancados* e alguns que jogam com pao de dois bicos, quando se trata de lisonjear o povo, para fazer *jus aos dezreizi-nhos* do estylo, appareceram espectacularmente escriptos, com artigos mirabolantes em que se espraiavam consideracões phantasticas, inacreditaveis, funambulescas!

No dia seguinte não dissemos bem. No dia seguinte, ao da funcção operaria, não houve jornaes, porque os seus proprietarios, coñdoidos da sorte dos operarios, houveram por bem dar-lhes sueto no dia da passeata, para que elles vissem, ouvissem e gozassem.

Mas no outro dia, aparada a penna só usada nas dias solemnes, fizeram estylo, empregaram phrases retumbantes e disseram repetidamente em mil tons diferentes, que o *grande e o supremo interesse commum é o da justiça, que os homens se devem entre si.*

Beati pauperes spiritu!...

Depois seguiu-se a descripção dos carros allegoricos, que só merecem importancia, pelos disticos que ostentavam.

O carro dos pedreiros, por exemplo, tinha graça, porque do meio dos paralepipedos, que formavam o respectivo lastro, sahiam disticos, como este: — «Da ignorancia e oppressão, o minimo; — de sciencia e liberdade o maximo!» — Bem sei, a magna, a immarcessivel sciencia do picão...

O *carro do trabalho*, o tal carro do pharol, cuja luz se transformou em mytho, porque *se partiram os tubos* que a deviam fornecer, symbolo verdadeiro do socialismo sociaheiro dos sectarios de Karl Marx, o fundador da *Internacional*, que promettera illuminar as intelligencias, escurecendo-as, trazia um escudo em que se lia esta tremendissima

heresia: — «A educação deve ter por base a sciencia e não a fé.»

Sim? Quem tal diz não faz a menor idéa do que seja *educação*, que está muito longe de ser *instrucção*.

A educação é o conjuncto do regimen, a que sujeitam a mocidade, para lhe formarem o coração, para lhe encaminharem para o bem as tendencias naturaes do animo, contrariando a má indole, e inoculando-lhe os bons exemplos, a virtude, a grandeza d'animo, e sobretudo o amor de Deus e do proximo.

Que tem a sciencia com a educação, fazem favor de me dizer? Pode um homem ser muito erudito, muito sabio, o que se chama um poço de sciencia, e não ter os mais elementares principios de educação. Royer-Collard, que deve ser insuspeito, porque foi philosopho e orador politico, chefe dos doutrinarios, disse: «Se falta a educação, é a instrucção instrumento de ruina. A educação ensina só, por si, o dever, convertendo-o em pratica.» Hervey, litterato inglez, protestante, e por isso tambem perfeitamente insuspeito, disse: «E' a educação para a alma o que a cultura é para a terra. Espirito que não foi cedo cultivado, e não recebeu os embryões da virtude, é como a vinha do preguiçoso. Entregue ás propensões da vontade depravada, será eterno ludibrio de erros e de paixões.» João Jacques Rousseau, o vosso eminente philosopho, o auctor do *contracto social*, disse tambem: «Amanham-se as plantas com a cultura, e os homens com a educação.»

Que mais quereis?

Ah! é verdade; falta provar a heresia verdadeira, que é a negação voluntaria e pertinaz feita contra as verdades catholicas. Vistes já, corroborado por escriptores insuspeitos, que a sciencia nada tem com a educação, a não ser a *sciencia de educar* (a unica que reside, residiu e residirá no seio da Santa Igreja). Basta demonstrar agora que a fé, longe de ser excluida do educação, deve pelo contrario, ser a sua base.

Não vamos citar escriptores ecclesiasticos, Padres da Igreja, ou theologos catholicos, porque não accredita-riéis, por certo as suas palavras. Mas podemos — tal é a força da verdade — citar auctores profanos, amigos vossos, e até alguns inimigos declarados da religião catholica-apostolica-romana.

Ahi tendes *Aimé Martin*, o litterato francez, auctor das *Cartas a Sophia sobre a physica, a chimica e a historia natural*, que ninguem dirá morrer d'amores pelo catholicismo. Pois diz elle: «Educação que não fôr religiosa, desaperefêça o homem, e o mais que pode é formar um animal intelligente. Pensar que só a sciencia engrandece o

homem, é erro, e o que o faz homem e grande, é o conhecimento de Deus». Ah! tendes Rousseau, o vosso querido Rousseau, o fundador dos socialistas; pois elle diz: «Os bens que a philosophia pôde fazer, melhor os faz a religião, e a religião alguns faz que a philosophia não pôde fazer.» Mas o mais notavel foi o que, n'uma hora de sinceridade e quiçá de remorso, disse o celebre d'Alembert, um dos maiores inimigos que teve a religião, o philosopho fundador da *Encyclopedie* em que collaboraram todos os impios que iniciaram em França a horrorosa revolução franceza.

Ouçamo!-o, porque é deveras curioso o que elle affirma. «Dizem alguns incredulos que o christianismo constrange; equivale isso a confessar que é incommodo o jugo da virtude que elle põe. Prejudicam a socialidade os deveres que prescreve? Manifesta calumnia, porque o principal preceito do christianismo é que cada um cumpra os seus deveres... Só a religião faz que o mal deixe de ser o que é... só com a religião o homem se exalça sobre si mesmo, e se furta á perseguição, á indignidade, repousando-se á sombra d'ella no regaço da felicidade, a salvo de todos os revezes».

Escreveu d'Alembert este notavel trecho, n'uma carta que dirigiu a Catharina II, imperatriz da Russia, viuva de Pedro III.

Teham paciencia, meus caros senhores; mas até morrer, aprender.

A. PEIXOTO DO AMARAL.

SECÇÃO CRITICA

Carcere privado

Os jornaes religiosos d'esta cidade teem-se occupado ultimamente d'um facto altamente criminoso, prohibido pelas leis do reino, qual é o de conservar um funcionario consular em carcere privado, dentro da sua propria casa, a sua propria filha, senhora de trinta e dois annos, para evitar que ella, satisfazendo os mais intimos anhelos do seu coração, possa entrar n'um recolhimento religioso. Este funcionario é o snr. consul do Brazil, n'esta cidade.

Custa a crer que os jornaes que a si proprios se alcunham de liberaes, os que combatem todos os desatinos, todos os excessos, todos os desmandos das auctoridades, não tenham tido uma palavra de protesto, contra esse facto significativo, abusivamente illegal, que ultrapassa todas as raias da verosimilhança. E porque? Porque essa senhora quer recolher-se a um convento.

E por isso mesmo é que o pae a encerrou em sua casa, porque diz que antes quer vel-a morta, do que freira.

E as auctoridades toleram similhante coisa? Não só toleram, como até approvam; pois que, tendo um dia a sobredita senhora, que segundo a lei é senhora sua ha onze annos, pretendido sair de casa, foi presa n'uma estação ferro-viaria, voltando para o Porto acompanhada d'um chefe da policia civil, e desde então jáz em carcere privado, na casa paterna, guardada por guardas civis!

A senhora a que nos referimos, D. Rosa Maria Calmon da Gama, escreveu uma carta ás escondidas, conforme pôde, dirigida ao Exc.^{mo} Governador Civil, em que lhe contava todas estas minudencias, e todavia que o saibamos, nem S. Exc.^a, nem a auctoridade judicial teem dado providencias, ácerca d'este monstruoso caso, que não tem precedentes em paiz algum civilisado.

A carta a que acima nós referimos foi publicada nos nossos apreciaveis collegas *Alliança* e *Palavra*, que tomaram a seu cargo a defesa da pobre senhora, illegalmente enclausurada; mas até agora nada se tem feito.

O ultimo numero do nosso collega a *Alliança* de 9 do corrente traz mais elementos para avigorar esta questão, e é com prazer que vemos que a Exc.^{ma} Snr.^a D. Rosa Calmon encontrou um defensor no distincto caudico portuense o snr. Dr. Miguel Maria Guimarães Pestana da Silva, que, apezar de ter cortadas as relações com o pae da senhora sequestrada, ainda assim pôe-se ao lado da razão e da justiça, afim de libertar a snr.^a D. Rosa Calmon

Bem haja o illustre advogado, que foi exemplar, integerrimo e dignissimo magistrado; e oxalá que s. exc.^a possa impedir o monstruoso attentado que se pretende commetter que é darem por demente aquella pobre senhora, que em carta, publicada na *Alliança* de 9 do corrente se queixa de que fôra examinada por medicos, passan lo até um d'elles um attestado declarando que estava affectada de loucura hysterica!

E' tão monstruoso tudo quanto se prende com este extranho caso, que chega a ponto do snr. Dr. Miguel Pestana asseverar em carta dirigida ao nosso collega a *Alliança*, que o snr. Calmon chegou já a propor no tribunal civil uma acção de interdição por demencia contra sua filha a snr.^a D. Rosa Calmon.

E todavia basta lerem-se as cartas que esta senhora escreveu, e que veem publicadas na *Alliança* dos dias 25 d'Abril e 9 de Maio, para ficarmos plenamente convictos de que está no plenissimo uso da sua razão.

Capazes de a endoidecer serão os

monstros que a torturam, se brevemente o tribunal criminal, onde lentamente vão correndo os tramites do processo, a não liberta da medonha tyrannia que sobre ella pesa.

Esperamos, plenamente convictos pela razão da nossa causa, que o protesto da imprensa catholica seja tomado na devida consideração, pois que não pôde consentir-se em tão monstruoso attentado, que é uma affronta á lei, uma violencia á liberdade individual, e um vexame inqualificavel dirigido a uma senhora que não pôde defender-se.

G.

O indicador electrico

Lemos o seguinte n'um jornal religioso do reino visinho:

Um redactor do jornal *La Libertá*, que se publica em Piacenza, (Italia), teve uma conferencia com Monsenhor Angelo Fiorini, (ainda ha mezes simples religioso capuchinho, e hoje, graças aos desejos de S. Santidade, bispo de Pontremoli).

Eis o que diz o alludido jornalista:

«Monsenhor Fiorini é o typo caracteristico do religioso. A' robustez physica accresce uma figura mui sympathica, uma distincção summamente attractiva e uma grandissima affabilidade. A vista é vivissima, a fronte expressiva, e a palavra facilima e instructiva. Parece ter quarenta annos, pouco mais ou menos. Todas as pessoas com quem priva, sentem-se immediatamente captivadas por elle.

Recebeu-nos com muita cortezia, e immediatamente lhe expuzemos o objecto da nossa visita.

Elle disse-nos:

—Tenho muita fé na minha invenção. A sciencia, por intermedio de um dos seus luminares, o professor Ferrini, examinou-o e approvou-o. Todavia ainda não foi examinado praticamente.

—E terá V. Exc.^a a amabilidade, perguntamos, de nos dizer algumas particularidades ácerca do seu invento?

—Da melhor vontade, respondeu. A sua apparencia é simplissima, é de base electrica, e movido por pilhas ou por dynamo, segundo se quizer. Servirá para evitar qualquer abalroamento ou choque nos comboios. Por meio do aparelho electrico, ambos os machinistas, isto é os dos trens que estão para chocar-se, serão advertidos do perigo.

—Mas de que modo?

O aparelho electrico dará um signal sobre a machina, signal que pode fazer-se mui praticamente, pois tudo quanto se quer se obtem com a electricidade. E esse signal tanto pode ser luminoso (sendo de noite), como

sonoro (sendo de dia). E ainda mais: pode indicar-se tudo quanto se deseje: trem que se aproxima, trem que precede, trem que segue, via interrompida, etc.

—Tambem o signal avisará esse ultimo caso?

—Pois, porque não? Quando, por qualquer motivo se obstruisse a via de repente, ou fosse por desabamento de trincheiras, ou de pontes, ou outra qualquer causa, o machinista do trem que se aproxima do perigo, será opportunamente advertido pelo signal. E, accrescentou Mgr. Fiorini, dado a caso de que, por qualquer motivo, não devesse passar o trem por um ponto determinado, qualquer guarda da linha poderá avisar, e portanto deter em qualquer distancia os trens, que deviam passar por aquella linha.

—Mas será necessario muito pessoal para esses avisos?

—Nenhum! absolutamente nenhum. O systema é automatic, e só apenas necessita da attenção do machinista ás senhas convencionadas.

—Que nome dará V. Exc.^a á sua invenção?

—Parece-me que o mais appropriado é o de—*Indicador electrico*.

—E a que distancia dará os signaes?

—A' distancia que se quizer. Por exemplo: Um trem que sae de Milão poderá, se quizer, avisar outro que, partindo de Placencia, se encontre na mesma linha. Note-se que ha cem kilometros entre as duas cidades. Mas este caso não poderia apreciar-se praticamente, porque desde Milão pode haver varias mudanças de comboio. Por isso, combinar-se-ha o *Indicador* por forma a assignalar sómente os inconvenientes que podem occorrer entre duas estações, seja qual for a distancia a que se haja de recorrer. Mas ainda ha mais. Um comboio que se aproxima poderá ser avisado por uma machina, ou trem que manobre, sobre a mesma linha, na estação de chegada. Para evitar alarmes falsos, verificar-se-hão os signaes de perigo á distancia de dois kilometros. Se não forem sufficientes dois kilometros, poderão ser trez, ou quatro, ou mais, segundo as indicações que a este respeito façam as diversas empresas dos caminhos de ferro.

Supplicamos depois a Mgr. Fiorini que nos referisse a historia do seu invento.

E elle, sempre cortez, disse-nos:

—Tive a primeira idea ha dois annos, viajando em caminho de ferro, e lendo n'um jornal a noticia d'um desastre occorrido n'uma linha ferrea, por um abalroamento de comboios. Lembrei-me logo de procurar um meio de evitar tantas desgraças.

Note-se aqui, que Mgr. Fiorini é professor mui distincto de sciencias physicas. Acariciou a primeira idéa, e dedicou-se a estudos serios. Isto passava-se ha dois annos. Primeiramente encontrou a resolução fundamental, isto é evitar os encontros. E depois de muito estudo, a 5 de Agosto do anno findo, obteve a resolução completa do problema.

Mgr. Fiorini deu o seu descobrimento a examinar a Mgr. Vinati, que é um homem de vastissimos conhecimentos scientificos, e depois ao professor Reinaldo Ferrini, da Escola Polytechnica de Milão. Ambos encontraram o descobrimento importantissimo e pratico.

Mgr. Fiorini pediu uma patente de invenção ao ministerio da industria e do commercio, fazendo a petição a 9 de Setembro findo. Tambem se estão praticando as diligencias, para obter as patentes d'outras nações. Isto explica a reserva de Mgr. Fiorini ácerca dos pormenores demonstrativos do seu invento.

Deseja fazer as primeiras experiencias em Placencia, porque ama essa cidade, que é a sua segunda patria. Entrou elle effectivamente no convento dos capuchinhos aos quinze annos e meio de idade. Passados dez annos recebeu a sagrada ordem de presbytero. Seguiu depois para Darmos d'onde regressou ao seu convento de Placencia.

Por ultimo foi guardião; mas teve de renunciar a esse logar, graças á sua nomeação para bispo de Pontremoli. Essa noticia, que recebeu no dia 1 de Setembro findo, commoveu-o profundamente. Como não se julgasse digno de tam alto cargo, de boa vontade teria renunciado a elle; mas não o fez, por saber, como já a cima dissemos, ser vontade expressa de Sua Santidade que o aceitasse.

Voltando de novo ao seu trabalho, perguntamos-lhe, se a execução do seu invento custaria muito, se seria necessario muito tempo, para applical-a, e quanto poderia render-lhe.

—Não custará muito, respondeu Mgr. Fiorini. Creio que, não havendo outros obstaculos, com um pouco de boa vontade, em quinze dias, ou pouco mais, se poderá applicar o meu invento a toda a rêde ferro carril italiana. Pelo que me diz respeito, accrescentou, não renunciarei uma recompensa, a qual reverterá em beneficio do meu proximo.

N'este momento divagou a entrevista. Por isso julgamos opportuno despedir-nos de S. Ex.^a R.^{ma} pedindo desculpa do incommodo que lhe demos.

Elle, porém, sempre attencioso, desenvolveu-nos o agradecimento, e accrescentou:

—Tenha como certo, que tudo quanto lhe dise, é palavra de pae que falla

a seu filho. Tenho fé no meu invento, e creio ter vencido todas as difficuldades. Demonstra-o a theoria, e approva-o a sciencia. Pode todavia surgir alguma difficuldade na pratica. Espero comtudo que tal não succederá.

E com isto nos despedimos de Mgr. Fiorini, admirando-o, assim como á sua intelligencia. Será um grande bem para a humanidade.

Soubemos depois que Mg. Fiorini recebera um Breve congratatorio do Summo Pontifice, em razão do seu invento, que está chamado a produzir immensos beneficios.»

E digam lá que a Igreja não tem sido sempre a grande benfeitora da humanidade!

R.

Socialismo, christianismo e catholicismo

Um breve cathecismosinho das verdadeiras doutrinas (christãs), o qual nos custa apenas um vintem, mais nos instrue sobre o que devemos fazer, que os melhores livros do saber meramente humano. E' a religião da humanidade o tal positivismo grosso que materialisa tudo. A natureza humana sempre foi má conselheira desde sua mocidade; agora, decrepita, não está com indole melhor. A cadeira encarnada, em que Clotilde outr'ora costumava sentar-se, era para Comte um santuario... Em contradição consigo mesmo, Augusto Comte mostra que o positivismo é uma impossibilidade... «Certos bois, cachorros, cavallos, diz elle, merecem mais respeito do que certos homens.» Já é humanidade!

O amigo luminosissimo da verdadeira philosophia, Leão XIII, diz: «Porque Deus providentissimo, assim como suscitou para defesa da Igreja, e contra a crueldade dos tyrannos, martyres fortissimos, cheios de magnanimidade, assim tambem oppôz aos falsos philosophos ou aos herejes, varões eminentissimos em sabedoria que se valeram do thesouro das verdades, bem como do auxilio da razão humana.» Epicuristas da peor especie, os desgovernos estão-nos desenganando estarmos nós em um pessimo absolutismo de monopolistas, etc.

Diz-se que ninguem é pobre senão... de mau governo. Será. Mas onde acharemos nós governo bom, e sem defeito algum? sem os prejuizos das educações? Tambem se diz que perfeito só Deus, e ser perfeito quem tiver menos defeitos; d'accordo tambem; e todavia o Estado sem Deus, e o homem sem lei ou com tantissimas leis que ninguem

entende, tudo isto é a peor ou mais ruim desgraça. E' de necessidade absoluta que Jesus Christo nos regula o nosso meio temporal para o fim eterno. Devem os interesses temporaes subordinar-se aos eternos; deve o dominio temporal do Estado sujeitar-se ao dominio certo do verdadeiro Deus em ordem á estabilidade ou riqueza do paiz.

Deus providentissimo! Desejava repetir aqui todas estas palavras do inculto Leão XIII, este bello exemplo: Deus providentissimo...

A. Herculano tambem nos diz a este respeito:

«Quão grande, o Deus, que manda em secco estio
Das tardes a viração!
Por sua providencia nunca embalde,
Zumbiu minimo insecto;
Nem volver o elephante em campo esteril
Os olhos inquieto.»

A doutrina da fé nos revela Deus um na essencia, trino em pessoas, que premeia os bons e castiga os maus, que a segunda pessoa da beatissima Trindade, Jesus Christo, encarnou e se fez homem nas purissimas enranhas da sempre Virgem Maria, nasceu, padecceu e morreu para nos salvar, resuscitou, está no céo, como Sacramento do altar para nosso bem. Eu n'essa fé quero viver e morrer para salvar-me a mim e aos meus. Sim, tambem aos meus. Que não seja para nós sómente a bella caridade; pois, quem ama Deus, ama tambem seus filhos.

Devemos amar nosso proximo, como Jesus Christo nos ama—como a nós mesmos.

Ninguem ama como deve, ou como dizem todos—a Deus como deve, nem os maiores santos do mundo. Quem poderá salvar-se por ventura? Aquellas pessoas que fizerem o que Deus quer. Satisfazer á divina vontade por um instante, vale mais que fazer maravilhas n'um milhar d'annos. Sempre Deus nos accumula de graças, nos firma no bem, nos obriga generosamente á verdadeira fidelidade. Jesus na santa Mesa, seguindo-a nós, torna-nos corajosos para praticarmos as virtudes todas e todos os nossos deveres. E' a razão esclarecida pela fé quem nos deve guiar, sabendo vencer-nos a nós mesmos, tendo nosso espirito sujeito á lei e á natureza tambem. Mas o que se vê? Dar a Deus esmolas de peccados. E Deus ha-de ficar muito agradecido!... Toma-se a Bulla da cruzada: logo Deus precisa de nossas esmolas. Come-se na santa Quaresma carne, lacticinios etc., toma-se a Bulla depois: logo a Bulla perdoa peccados! Tudo anda invertido. Não se faz sacrificio a Deus, nem se o sacrificio ha-de querer. Carne para o ceu do corpo, e para o

inferno da alma suas pingues substancias, é o que mais desgraçadamente se deseja. Pobre alma! E' preciso conservar, é verdade, corpo e alma; perca-se tudo, não se perca esta.

(Continúa).

A. SILVA FERREIRA.

SECÇÃO LITTERARIA

Mez de Maria

Mostra que és Mãe ternissima:
Se em tuas mãos off'reces
Nossas humildes preces,
E o triste suspirar,
Jesus ouve-as propicio,
Que á terra por nós veio,
E em teu virgineo seio
Dignou-se de habitar.

O' violeta e lirio
De singular beldade.
Pureza e humildade
Assim só tu a tens!
Extirpa em nossos animos,
Peccados e defeitos;
E planta em nossos peitos
Viólas e cecens.

Dá-nos, ó Mãe purissima;
Vida fervente e pura,
E n'esta senda escura
Dardeja a tua luz,
Té que aos eternos jubilos,
Soltos da terra os laços,
Nos leves em teus braços
Aos pés do teu Jesus.

PADRE CAMPO SANTO.

Para se namorar do que eriou
Te fez Deus, sacra phenix, Virgem pura.
Vêde que tal seria esta feitura
Que para si o seu feitor guardou!

No seu alto conceito te formou
Primeiro que a primeira creatura,
Para que unica fosse a compostura
Que de tão longo tempo se estudou?

Não sei se digo em tudo quanto baste
Para exprimir as raras qualidades
Que quiz criar em ti quem tu criaste:

E's Filha, Mãe e Esposa: e se alcançaste
Uma só, tres tão altas dignidades,
Foi porque a Tres de Um só tanto agradaste!

LUIZ DE CAMÕES.

*Consolatrix afflictorum,
Refugium peccatorum...*

Dos peccadores afflictos
refugio e consoladora,
ó Mãe de angustia, ó Senhora,
acudi a nossos gritos!
Por nossos muitos delictos
off'recei o vosso pranto;
e attenderá condoido
Jesus a rogo tão santo,
pois nada iguala o pedido
de Mãe tal, que soffreu tanto.

Fonte de graça e pureza,
Virgem santa e dolorida,
sabeis quanto amarga a vida
Se é amarga a tristeza:
E' de mãe doce e querida
ouvir felizes clamores;
da vida triste os rigores
vosso amor materno abrañde,
que Vós, que em tudo sois grande,
Tambem o fostes nas dôres.

SOUSA MONTEIRO.

Oh do meu doce amor doce cuidado
Oh defensora minha em paz e em guerra,
Em cuja mão todo o poder se encerra,
Em cujo ventre andou Deus encerrado:

Abri um dia já, alvo e dourado,
Em que deixando atraz esta alta serra,
Passando o bravo mar, abraça a terra
Onde nelle se crez crucificado...

Merece-vos, Senhora, isto que peço,
Um coração constricto, humilde e prompto
A vos servir, podendo, com mil vidas.

Ou seja, se por mim eu não mereço,
A' conta das mereças que não tem conto
Que tendes para todos merecidas!

DIOGO BERNARDES.

De luz se inundam os céos,
Frangem-se as nuvens de ouro
Em honra da Mãe de Deus!
Essa gloria, esse thesouro
Que o Senhor tem a seu lado,
E os anjos cantam em côro!
Aquella que o seu cuidado
E' a pobre mãe afflicta
E o orphão desamparado,
Virgem Maria bemditá!

Curvae, arvores frondosas,
Até ao chão vossa rama!
Encha-se a estrada de rosas!
Esta é quem o céo proclama
Santa, pura, immaculada!
Que os seus filhos tanto ama!
Incansavel advogada
E protectora nos céos
De toda a alma accusada
Lá no tribunal de Deus...

JOÃO DE DEUS.

Milicia Christã

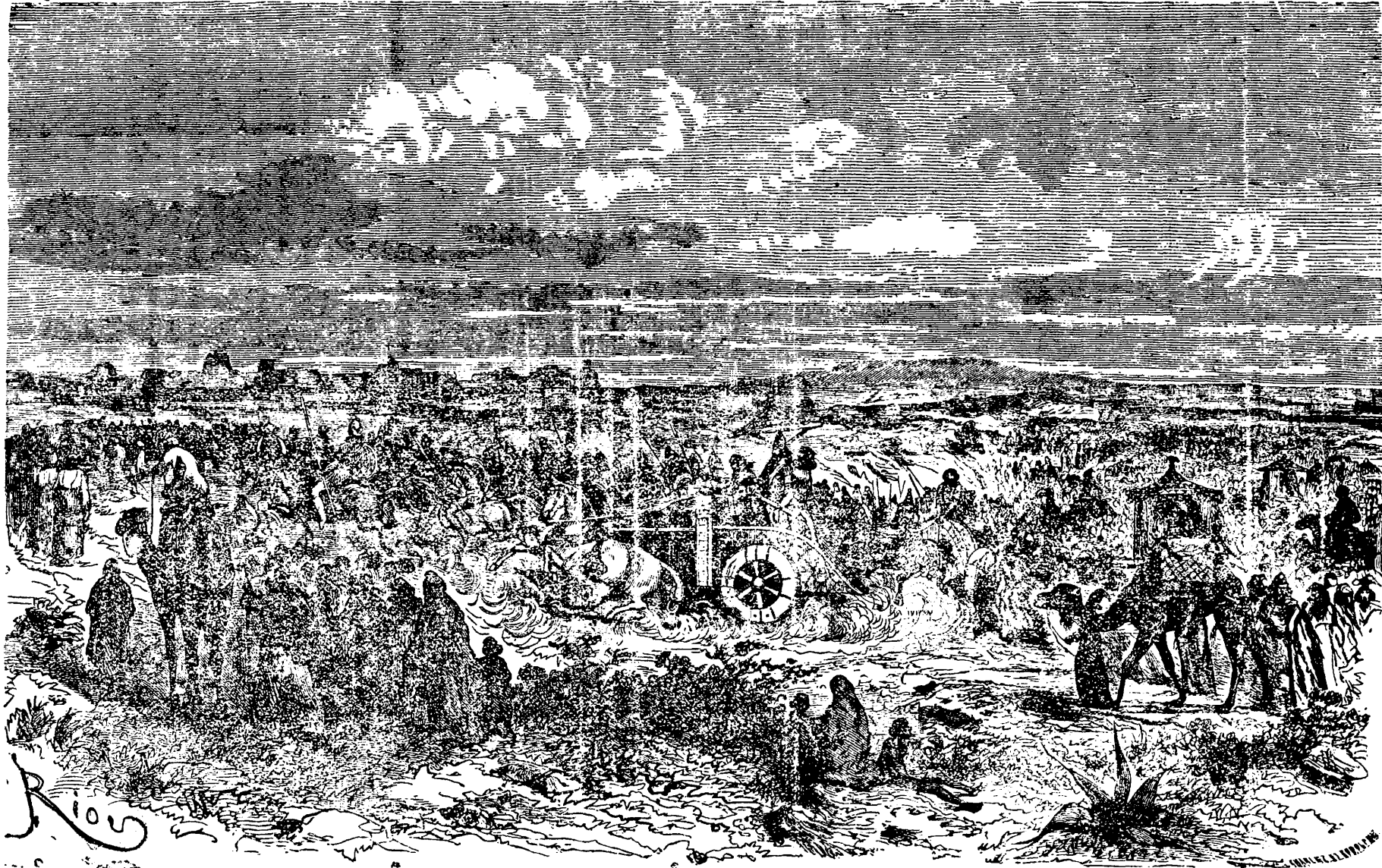
2.^a PARTE

XLIX

Os circulos catholicos

Aurora que auspiciosa me apparece,
Depois de noite escura,
Ao som das melodias d'uma prece,
Sympatica, tão pura,
Que correm pressurosos apoz ella
O velho astuto, e a mystica donzella.

Reflexo d'uma luz sublime e bella,
Que nossa dignidade,
A nossa origem, nosso fim revela,
Na sua realidade,
Sem os sonhos de novas phantasias
Aviltantes, escuras, doentias.



A segunda campanha de Nabuchodonosor

Brilhante luz, que tem por aureola
Essa verdade eterna,
Que sempre nos alenta e nos consola,
Como de mãe, que, terna
Uma missão cumprindo assaz divina
A ser nobres e santos nos inclina.

N'esses Circulos giram operarios
Modestos, laboriosos,
D'honradez e virtude partidarios
Constantes, valerosos;
Os typos da honradez nos proprios lares,
E da crença em frente dos altares.

E que farão que na familia brilhe
A paz consoladora
Que faz sereno o desterrado trilha
Esta desoladora
Estrada de pezares e de dores,
Onde chorando vamos peccadores:

No lar christão do nobre artista crente
Em paz o amor habita,
E um afago celestial se sente,
Que da virtude agita
As azas primorosas voadoras
Das proprias dores nas escuras horas.

Espera morrer no soffrimento,
E o leva com paciencia;
Quando vae cansado toma alento,
Da propria omnipotencia.
Esperando repouso e aiegria,
E justiça cabal, no eterno dia.

No Circulo girando da verdade
O nosso artista crente
Conforme na modesta honestidade
De meio, classe e gente
E' mais feliz que ricos opulentos
De mais riquezas e prazer sedentos.

E venturoso na condição e classe
A vida alegre passa,
Não consentindo que outrem o ultrapasse
No que divina graça
Opera de prazer no humilde peito,
Do amor divino celestial effeito.

E lá nos lares do modesto artista
Venturas seductoras
Se gosam, que já mais ninguem conquista
Nas mais felizes horas,
Dos que vivem no luxo da opulencia,
Com remorsos occultos na consciencia.

E que nunca gosaram operarios
Descerentes, sensualistas,
De riqueza e prazer que são sectarios
Ociosos, commodistas,
Que vexando das artes os labores
Se convertem em sabios oradores.

Amantes do suor do corpo alheio,
E de riqueza extranha,
Os odios cultivando vão no seio,
Com a sectaria sanha:
Mas eterna justiça inexoravel
O castigo descarga no culpavel.

Remorsos e torturas no sutario
De falsas deidades,
A doce quietação no doutrinario,
Que segue das verdades
A mui segura e luminosa esteira
Da religião de Christo verdadeira.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

CCCXXV

P. Pedro Brumoy

NA primeira metade do seculo XVIII florescia na França um homem illustre, de grande reputação no vasto campo da litteratura. O seu nome tornou-se conhecido em todo o mundo pelo avultado numero de obras que elle produziu. Era um jesuita, e chamava-se Pedro Brumoy.

Tinha nascido em Rouen, no anno de 1688. Foi um auctor classico, de muita auctoridade nas eschololas. Escrip-tor laborioso, e como tal muito considerado, não era menos estimavel e estimado por suas altas qualidades mo-raes.

Pedro Brumoy professou a regra da Companhia de Jesus, onde entrou em 1704, dando em breve a conhecer o seu talento para as sciencias. Regeu na sua patria uma cadeira de humanida-des, sendo pouco tempo depois chama-do a Paris.

Na capital de França foi o P. Bru-moy encarregado da educação do ju-ven príncipe de Talmonte, Antonio Philippe.

Era este príncipe d'uma das mais illustres casas de França. Distinguiu-se por sua virtude e pericia militar no tempo da grande Revolução franceza, combatendo com denodo e bravura contra os scelerados revolucionarios e preversos jacobinos. O educando do P. Brumoy foi general dos exercitos da Vandée e da Bretanha.

N'aquelle tempo, e sempre desde a fundação da companhia, eram os jesuitas escolhidos para directores e mestres dos grandes, dos reis, dos príncipes.

O jesuita Brumoy escreveu no famoso *Jornal de Trevoux*, publicação perio-dica redigida por varios religiosos da companhia, e em seguida continuou a grande obra da *Historia da Igreja de França*, de que tinham sido iniciadores alguns dos seus confrades.

No meio dos seus trabalhos littera-rios, sempre incansavel, morreu este preclarissimo varão em 1742, deixando varias obras de muito merecimento em prosa e versos.

Deve mencionar-se em particular o seu *Theatro dos Gregos*, que contem as traducções analysadas de discursos e observações sobre o theatro grego. E', segundo o parecer dos melhores criticos, a obra mais profunda e judi-ciosa que se tem publicado sobre o assumpto.

Não deve tambem passar ao rol do esquecimento outra obra do P. Brumoy, intitulada o *Vidro*: é um poema sobre a arte de fabricar o vidro.

Parece á primeira vista uma obra futil, de pouco ou nenhuma importancia scientifica, mas não é assim. Ouça-se o que a este respeito diz o grande critico Padre José Agostinho de Macedo no discurso preliminar ao seu *Newton*: «O Padre Brumoy, auctor da gran-de obra o *Theatro dos gregos*—compoz um poema intitulado o *Vidro*. A *Jeru-salem* não tem um enredo mais complic-ado em accidentes e incidentes do que tem o poema do *Vidro*.

«Eu detesto o mister de traductor, mas se tivesse um intervallo de ocio em minha vida, ou paciencia de estar olhando para um livro, e escrevendo em um papel, não deixava sem uma traducção o poema do *Vidro*: é a coisa mais formosa que existe em Parnaso latino.»

Concordam n'este juizo todos os au-ctores competentes na materia.

Não é menos notavel o poema do je-suita Brumoy *sobre as Paixões*. E' uma obra estimavel pela nobreza dos pensamentos, a multiplicidade das ima-gens, variedade e calor das descripções, pureza e elegancia do estylo.

Escreveu outras muitas obras, cheias de gosto e sabedoria.

Apostemos nós que o P. Pedro Bru-moy, douto e pio jesuita, é para os philosophos de certa eschola um bruto, um moquenco!

(Continúa.)

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

O Convento e freguezia de Man-cellos.—Situação e descripção

I

Está situada esta freguezia de Man-cellos no concelho de Amarante, dis-tricto e bispado do Porto; pertenceu antigamente á comarca de Guimarães e ao antigo concelho de Santa Cruz, de cuja capital, Villa Meã, dista cerca de seis kilometros. Foi sempre do arce-bispado de Braga, até que, pela nova circunscripção diocesana, passou em 27 de novembro de 1882, para a dio-cese do Porto.

Era terra de El-Rei, com preroga-tivas de Couto e jurisdicção dos Reli-giosos da Ordem de S. Domingos.

Confina ao norte e poente com as freguezias de S. Thiago de Figueiró, Santa Christina de Figueiró e Salvador de Travanca; do nascente com as de Freixo de Cima, Freixo de Baixo e Fregim; do Sul com as de Banho e Salvador de Real.

Tem de comprimento, de nascente a poente, cerca de oito kilometros; de largo, de norte a sul, cerca de seis kilometros.

Pelo nascente e sul corre o monte de S. Faustino, que junto ao logar de S. Thomé se chama monte Alvão, e de frente de Travancella toma o nome de Outeiro de Santo André. De norte e poente corre a Serra d'Agua—leite e o monte da Costa.

II

Tem a Igreja um pateo na entrada, fechado com uma cancella de ferro, e ao lado direito a torre quadrada e coroadada de ameias; segue a Galilé ou Ante-Igreja que, da mesma forma que a torre e a frente da Igreja, despêde em ameias.

Levanta-se a porta em arco sobre quatro columnas por lado, metidas no grosso da parede. A Igreja é toda de esquadria por dentro e por fora, com quatro amplas janellas, que lhe dão luz bastante. A Capella Mór tem uma só janella, o que a faz bastante escura.

Tem quatro altares: o altar mór, o de Nossa Senhora do Rosario, do Senhor Morto e do Coração de Jesus. O segundo e o terceiro são novos e ainda em branco; o quarto bem dourado e elegante, foi construido ha poucos annos. No altar mór está o Santissimo Sacramento e aos lados quatro bellas imagens: de S. Martinho (padroeiro), S. Francisco, S. Domingos e S. Gonçalo.

III

Encontrei, quando vim para esta Igreja, encostados a um canto, no chão, cobertos de pó, em uma dependencia da Igreja, alguns quadros, que mandei limpar e collocar na Sacristia. São os seguintes: S. Martinho, revestido de prelaticias e sentado na cadeira episcopal; S. Domingos, sentado á sua banca, estudando; Santo Antonio e S. Sebastião, todos em madeira; e um em tela, representando o seguinte: A comunidade de S. Domingos está á meza, mas não tem que comer; apparecem dous anjos; um traz na mão uma cesta, d'onde vae tirando um pão, que colloca diante de cada religioso; o outro traz um jarro, d'onde vae lançando vinho nos copos.

São expressivas as posições e gestos dos religiosos; um crava os olhos no céu, outro abre os braços e eleva-os ao céu, este crusa-os no peito e curva a cabeça, aquelle interroga com os olhos o visinho atonito, como a perguntar-lhe o que sente a respeito do que está vendo: todos estão confusos, humilhados, diante do milagre, com que Deus se digna favorecer-os.

IV

Antes da instalação do cemiterio, faziam-se os enterramentos no claustro, na Galilé e mui poucos na Igreja.

No tempo dos religiosos, se algum freguez queria ser enterrado dentro da Igreja ou na Galilé, dava por costume antigo aos religiosos 300 réis sendo do arco da Igreja para baixo, e 1,500 réis do arco para cima.

Todo o claustro pertencia aos freguezes, sem darem coisa alguma para lá se enterrarem—«porque é dos ditos freguezes, e não de outra pessoa alguma, o dito claustro.», diz um documento antigo.

Para este claustro dá uma porta da Galilé, por onde o parochio fazia, e ainda hoje faz, a procissão dos defunctos. Por causa d'esta porta houve grande reboliço algumas vezes. Queriam os freguezes que, estando a Igreja aberta, ella o estivesse tambem; e porque a 28 de Dezembro de 1730 estivesse fechada, e os religiosos a não quizessem abrir, foram-se a ella e fizeram-na em cacos!... Houve devassas, alçadas requeridas pelos frades, que a final foram condemnados a ter a porta aberta, a pagar as custas e perdas e damnos aos pronunciados...

Existe uma outra porta que, da Igreja dá para o claustro, a que vulgarmente se chama porta travessa, mas que antigamente se chamava—Porta de Graças. Entre esta porta e a da Sacristia, existiu um tumulo, em que, dizem memorias antigas, foi sepultada D. Mayor Lourenço, mulher de Lourenço Annes Redondo, instituidora do morgado dos Ferreiras, em S. Martinho de Recesinhos, que depois se uniu ao de Cavalleiros. Foi feita esta instituição no tempo de D. Affonso 4.º, e tinha Capella de missas n'esta Igreja. Este tumulo encontrei o removido do seu logar, servindo de pia para queimar a cal, nas obras da Igreja!...

Na parede da Igreja, para o mesmo lado do claustro, entre a porta da Galilé e a de Graças, está metido um arco e n'elle levantado um tumulo, que se vê claramente ter sido construido, depois de concluida a Igreja.

Diz um manuscrito antigo que este tumulo mostra ser de algum dos commendatarios, que houve n'esta Igreja, pelos annos de 1566 a 1572, e de que faziam menção os capitulos de visita, deixados n'esta Igreja pelos visitantes do arcebispo D. Frei Bartholomeu dos Martyres. A torre é quadrada, com setteiras, e coroadada de ameias. Se a não visse ligada á Galilé e edificios do Convento, diria eu que era mais antiga do que a Igreja, e que seria uma d'essas torres, de que falla a Nobliarchia Portugueza, cons-

truidas pelos christãos, para se defenderem das correrias dos mouros.

Em verdade, mais parece torre-castello, a que levantaram duas sineiras, do que construida de proposito para campanario.

(Continua.)

PADRE JOSÉ VICTORINO PINTO DE CARVALHO.

SECÇÃO NECCROLOGICA

D. Antonio de Almeida

Falleceu no dia 10 do corrente na sua casa de Coimbra, na avançada idade de 78 annos, o sr. D. Antonio do Santissimo Sacramento de Almeida e Silva, filho dos condes de Oliveira dos Arcos e aparentado com a primeira nobreza do paiz.

Era doutor em direito pela Universidade de Coimbra, membro da Academia das Sciencias, escriptor e orador catholico, homem de muita religião e piedade.

Collaborou assiduamente em muitos jornaes religiosos, discursou ainda no ultimo congresso catholico de Braga, e visitou por differentes vezes Roma, onde residiu durante bastante tempo.

Aos parentes do illustre finado apresentamos a expressão do nosso pezame e aos leitores rogamos a caridade de uma prece por sua alma.

—Falleceu no dia 30 d'abril, no hospital de Santa Maria, a snr.^a D. Maria da Conceição Pinto Abreu, que durante toda a sua vida exerceu no seu mais elevado grau a sublime virtude da caridade.

Muitissimas lagrimas enxugou a excelsa senhora que Deus acaba de chamar a si, e muita penuria minorou, já com os recursos monetarios, já com o balsamo santo das consolações, porque ella, como poucas, tinha o condão de se saber insinuar e de suavisar todas as dôres.

Onde quer que houvesse espinhos a pungir, tristezas a minorar, lagrimas a enxugar, fome a saciar, ella ahi estava a doce alliviadora da humanidade afflicta que tanto balsamo derramou n'este mundo, e tanto bem fez.

Agora não teem os pobres, os infelizes, os desditosos aquella santa senhora para lhes minorar os seus soffrimentos com a influencia da sua palavra ou o auxilio da sua bolsa; mas essa angelica creatura que trocou os parâmetros do mundo pela região da luz, ainda pode aos pés de Deus servir de muito linitivo á pobreza, porque era de finissimo quilate a sua alma, e está por certo aos pés do Eterno a pedir pelos seus antigos protegidos.

Era a finada senhora irmã do nosso bom amigo o Rev.^m Padre Antonio Pinto d'Abreu, dignissimo capellão de S. Francisco, a quem damos os mais sentidos pesames, pois que, por nós, avaliamos a cruciante dôr que acaba de soffrer.

E aos nossos leitores pedimos uma fervorosa prece por alma d'aquella extincta senhora.

SECÇÃO ILLUSTRADA

A segunda campanha de Nabuchodonosor

(Vid. pag. 109)

Nabuchodonosor, rei da Babylonia por duas vezes cercou Jerusalem. A nossa estampa representa a segunda expedição d'este feroso monarcha, que, segundo a Biblia, tomou e arrasou Jerusalem no anno 587 antes de Jesus Christo, levando captivos os seus habitantes para a Babylonia.

Mas não findaram aqui os destinos de Jerusalem, porque essa cidade estava destinada para seis seculos mais tarde ser a cidade décida, pois que n'ella havia de ser morto n'uma cruz o Redemptor da humanidade.

E Jerusalem voltou a ser povoada. O templo de Salomão foi reedificado, e só mais tarde, foi arrasado por Tito não ficando pedra sobre pedra, para ser cumprida a palavra de Jesus Christo que tinha vaticinado esse fim á cidade décida.

No entretanto apesar de ser muitas vezes cercada e combatida a cidade de Jerusalem, se exceptuarmos a ultima, nunca soffreu tanto como d'esta segunda expedição em que os guerreiros de Nabuchodonosor passaram milhares ao fio da espada, aprisionando os restantes que tinham escapado á sua sanha.

*
* *

A parábola da vinha

(Vid. pag. 115)

Jesus Christo, segundo diz o Evangelista S. Matheus, fallou aos seus discipulos por parabolas, e d'esse modo lhes mostrou qual era o seu dever, e qual o caminho que tinham a seguir, para entrarem no céu.

Ha parabolas formosissimas. A do Filho prodigo, a das Virgens, a do Semeador, etc. Uma porém, das mais frisantes, e das que mais calou no espirito dos apostolos, e que mais tem calado no animo de todos os commentadores do Evangelho é a Parábola da Vinha, ou do Vinhateiro.

Jesus disse:

Um vinhateiro tinha um campo, cultivado por trabalhadores. Estês, porém, nada faziam. Mandou la um creado, que foi maltratado. Mandou em seguida outro, a quem succedeu outro tanto. Mandou depois o seu Filho, julgando que seria respeitado. E o que succedeu? Foi mais maltratado que os creados. Que devia fazer n'este caso o senhor da vinha? perguntou o Redemptor. Arrazar tudo, e castigar severamente os delinquentes.

Foi o que fez. O campo da vinha era Jerusalem, a cidade capital da Judeia onde estava o templo do Deus-Vivo, onde estava o seu povo escolhido, que eram os trabalhadores que maltratavam a vinha. Os creados que mandou a vigial-os foram os prophetas que mostraram a esse povo a palavra de Deus, e lhe ensinaram o caminho a seguir para a perfeição e para o temor de Deus. O Filho foi Jesus Christo a quem os phariseus mataram.

Que fez então o Senhor? Destruiu esse povo, que poucos annos depois da morte de Jesus foi vencido por Tito, no anno 70 arrasado o seu templo, e elle expulso, pois que ainda hoje não tem patria.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

Cartas encyclicas

Lê-se no *Correio Nacional*:

«Entrariamos pelos dominios da banalidade se encarecessemos a utilidade para os catholicos da leitura assidua das encyclicas de Leão XIII, em que por forma tão elevada são dispensados os ensinamentos da doutrina catholica em harmonia com as circumstancias e necessidades do nosso tempo.

Inporta pois assegurar a diffusão d'esses ensinamentos e tornal-os accessiveis a todos. Não basta a publicação nos jornaes. A reunião das encyclicas em livro é um relevante serviço prestado aos catholicos.

Isso fez em França a *Maison de la Bonne Presse*, fazendo uma excellente edição muito barata das encyclicas texto latino e traducção franceza.

O conhecido editor do Porto o sr. Fructuoso da Fonseca metteu hombros a igual empreza. Acaba agora de sair o terceiro volume da collecção das encyclicas, que vae de 24 de junho de 1893 a 29 de junho de 1896. Custa cada volume 500 réis. Recommendamos aos nossos leitores esta excellente collecção indispensavel em todas as bibliotecas.»

Lê-se na *«Voz de Santo Antonio»*:

«Cartas Encyclicas do Santo Padre Leão XIII aos Patriarchas, Primazes, Arcebispos e Bispos de todo o mundo

catholico».—Do incansavel editor, sr. José Fructuoso da Fonseca, um benemerito da causa catholica em Portugal, recebemos os tres volumes até hoje publicados desta importantissima obra. Seria superfluo encarecer o valor da publicação. O augusto Pontifice tem-se imposto por tal fórma á admiração do mundo inteiro, que as suas encyclicas passam hoje ainda mesmo aos olhos daquelles que vivem fóra do gremio da Egreja, como verdadeiros monumentos de sciencia, nos quaes téem cabal solução as principaes questões que hoje preoccupam os sabios sociologos e reformadores.

Não ha, com effeito, questão momentosa e importante na actualidade que não tenha sido objecto de algum d'esses brilhantes documentos pontificios: socialismo, philosophia escolastica, constituição christã dos estados, christianisação da familia, abolição da escravatura, as questões operarias, a maçonaria, liberdade—a tudo tem consagrado momentos de estudo a actividade espantosa do Grande Pontifice.

Os tres volumes publicados comprehendem as Encyclicas de Leão XIII até ao anno de 1896. O 4.º volume já está no prelo, e sairá brevemente á luz. A traducção é bem feita, e a revisão da obra foi confiada á reconhecida competencia do sr. Padre Manuel Marinho. Têem, pois, os leitores todas as garantias desejaveis de que farão uma boa aquisição, comprando os preciosos volumes. E será, além disso, um auxilio á casa editora; pois ninguém ignora que os seus intuitos são absolutamente alheios a toda e qualquer especulação pecuniaria, e só tendem a servir a boa causa.

O preço de cada vol. é 500 reis—Pedidos ao Editor, sr. José Fructuoso da Fonseca, 72 rua da Picaria, 74—Porto».

SECÇÃO NOTICIOSA

Offerta a Sua Santidade

O editor catholico desta cidade, sr. José Fructuoso da Fonseca, no dia 7 do corrente entregou ao Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Antonio, Bispo desta diocese, tres volumes das Encyclicas de Sua Santidade Leão XIII, afim do nosso venerando e bondoso Prelado os entregar ao Santo Padre, por occasião da peregrinação portugueza a Roma. Os tres volumes estão artisticamente encadernados a marroquim vermelho, com guardas a setim côr de rosa, dourados pela folha. E' trabalho do sr. Leonardo Pedro de Castro, que, na sua arte, é um artista primoroso.

Estes volumes iam encerrados numa caixa exteriormente ferrada a pellicia

amarella com fechos de prata. Interiormente era forrada a setim cõr de rosa.

Monsenhor dr. Jeronymo Teixeira de Amaral

O nosso collega «O Estandarte Catholico», da Bahia, publica o seguinte :

«Acabamos de lêr na «Palavra» uma noticia que muito nos contentou. A Santa Sé, conhecedora dos valiosissimos serviços que tem prestado á Egreja o benemerito dr. Jeronymo Teixeira do Amaral, elevou-o á dignidade de Protonotario Apostolico, dignidade que lhe dá jus ás vestes prelaticias, e assento na cõrte Pontificia logo abaixo dos Bispos.

Dispensando-lhe esta honra, a Santa Sé não só honrou aquelle a quem a dispensou mas honrou-se a si propria. Nós conhecemos intimamente o illustre agraciado, pois temol-o tractado de muito perto e com grande intimidade. Conhecemos o seu coração d'ouro e a sua bellissima alma que não deseja outra cousa senão a gloria de Deus e a salvação eterna das almas.

Com este intuito abraçou a vida sacerdotal, para dar desafogo ao seu zelo e trabalhar com todas suas forças na vinha do Senhor.»

Muito e muito folgamos com esta homenagem, prestada pelo nosso collega brazilleiro, a um dos sacerdotes mais dignos e virtuosos de Portugal.

Outro documento importante

O editor das *Encyclicas do Santo Padre Leão XIII*, o nosso presado amigo e chefe o Snr. José Fructuoso da Fonseca acaba de ser honrado com mais uma *Provisão* episcopal, abençoando e recommendando a sua importantissima publicação.

Agora foi o snr. D. Manoel Agostinho Barreto, illustre b'ispo do Funchal que deu a nova provisão, e que os nossos leitores encontrarão no logar competente.

Felicitemos o nosso bom amigo, por mais este novo incitamento.

A peregrinação a Roma

Não temos acompanhado os diversos informes que tem dado o nosso presado collega a *Palavra* ácerca da peregrinação, pelo facto de muitas noticias ficarem sem importancia, attento o facto de ser quinzenal o *Progresso Catholico*. Mas agora que os peregrinos partiram, vamos dar ainda que resumidamente, tudo quanto de mais importante lhe diga respeito.

Na sexta-feira 11, ás 7 horas da manhã, o nosso venerando prelado, o snr. D. Antonio Barroso resou uma missa na capella do Paço Episcopal,

afim de pedir ao Todo Poderoso graças para a peregrinação portugueza a Roma. Em seguida deu S. Ex.^a Rev.^{ma} a sagrada communhão a grande numero de peregrinos que se apresentaram devidamente preparados, estando por essa occasião patente o Paço Episcopal a todos os peregrinos.

No sabbado 12, eram dez horas da manhã quando deu entrada na estação central de S. Ex.^a Rev.^{ma} o snr. D. Antonio Barroso, acompanhado de monsenhor Affonso Pereira, que já havia sido seu secretario em Moçambique, e que conta oito annos de relevantes serviços nas missões do ultramar.

A' chegada do illustre prelado, a banda da officina de S. José que estava incorporada na gare com a respectiva bandeira, tocou o hymno da carta, sendo S. Ex.^a recebido com uma enorme saudação, não só dos peregrinos que partiam, como de uma immensa agglomeração de povo que ia despedir-se dos que partiam.

E lá embarcaram os felizes que vão a Roma desaggravar a Jesus Redemptor das offensas recebidas, alcançar a remissão das culpas, e protestar a sua fé, visitando o Soberano Pontifice e os monumentos christãos.

Foi immensa a commoção dos que ficaram, presos pelo dever dos seus cargos, quando o comboio deu o signal da partida, seriam 10 horas e 15 minutos; e as carruagens seguiram, levando os felizes peregrinos, que acenavam com os lenços, despedindo-se dos que ficavam.

A's 8 e 54 minutos devia ter sahido de Braga outro comboio transportando 186 peregrinos, que, levando á sua frente o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Arcebispo primaz se vae encontrar com os nossos amigos que partiram em Ermesinde, ás 10 horas e meia da manhã.

Na gare estava tudo quanto de mais illustre tem esta cidade, conjunctamente com membros de todas as classes sociaes.

Ser-nos-hia impossivel dar uma relação exacta de tantos illustres cavalheiros e respeitabilissimas senhoras que ali vimos; mesmo porque seriam mui deficientes as columnas de todo o nosso jornal, para enumerar tamanha quantidade de pessoas.

Que Deus acompanhe os illustres peregrinos, e que ao receberem a benção de Sua Santidade, lhe peçam pelos que ficam, é o desejo de todos nós.

Não podemos nem devemos terminar esta noticia, sem fallarmos n'um facto altamente significativo que foi presenciado por milhares de pessoas, e que se nos afigura d'uma grande importancia, nas actuaes circumstancias.

Na quinta-feira 10 do corrente, pre-

cisamente na ante-vespera da partida da peregrinação para Roma, e na vespera do dia em que o excelso prelado d'esta diocese havia de elevar preces ao céo pelo bom exito da empreza e dar a sagrada communhão aos que partiam para a cidade eterna, atravessou o firmamento, na direcção de leste para oeste um meteoro igneo, especie de bolide que desapareceu volatilizando-se ao contacto com a nossa athmosphera. Ora isso é vulgar, e não daria motivo a reparos.

O que porém fez alvoraçar muita gente, e não era para menos o facto, foi que, apoz a desaparição do meteoro brilhante ficou por largo espaço —cerca d'uma hora— o local brilhantemente illuminado, apparecendo umas letras que visivelmente formavam a palavra **Roma**.

Não é providencial um facto d'estes? Não será a divina Providencia a mostrar-nos que a Egreja se erguerá para retomar o seu verdadeiro dominio, aniquilando o erro e a impiedade?

Deus o permita, e que seja muito breve.

As Irmãsinhas dos Pobres

Do nosso presado collega *O Commercio do Porto*, do dia 8 do corrente, transcrevemos o seguinte:

«O que hontem era uma generosa aspiração d'essas santas creaturas que passam a vida a amparar uns pobres velhos, transformou-se na mais bella e mais fagueira realidade.

Como por encanto, levantou-se o hospicio das Irmãsinhas dos Pobres, servindo lhe de principal alicerce as sympathias que essas prestimosas creaturas souberam, desde principio, despertar n'esta cidade.

O Porto, generoso como povo algum d'esta nossa boa terra portugueza, comprehendeu o bem que as Irmãsinhas dos Pobres espalham e prestou-se a agazalhar-as com carinho. Agazalhando-as, agazalhou tambem os pobres velhos, de que ellas são o unico arrimo.

A nova instituição beneficente agora installada, ahi fica a attestar por uma fórma brilhantissima a generosidade d'esta nossa gente, tão sensivel a todos os infortunios e tão acariiciadora de todas as acções boas.

Seria falta imperdoavel esquecer n'este momento que o grande impulso para essa criação prestantissima nasceu da organização da Bola de Neve, que ahi rolou com fervoroso afan e decididas operações, bizarramente impellida por uma distincta dama portuense, a snr.^a D. Laura Leitão, que n'essa obra generosa evidenciou a sua bondade e o seu amor pelas Irmãsinhas dos Pobres. A todos quantos se associaram á Bola

de Neve, cabe uma boa parte, a melhor parte, na edificação que ante-hontem se inaugurou.

Falta não menos grave seria esquecer o nome do snr. conselheiro Araujo e Silva, o illustrado director das obras publicas d'este districto, que generosamente se prestou a elaborar o projecto do edificio e a dirigir obra tão importante. S. ex.^a, apesar dos seus complexos serviços officiaes, não se recusa nunca a prestar o seu concurso generoso a obras de beneficencia e de interesse publico. Sobejamente o tem demonstrado e está demonstrando.

A cerimonia da inauguração do edificio das Irmãsinhas dos Pobres foi muito singela, mas nem por isso deixou de ser solemne e de despertar congratulações sinceras no animo de todas as pessoas que a ella assistiram.

Assistiram, além do ex.^{mo} snr. D. Antonio Barroso, illustre bispo d'esta diocese, e do seu secretario rev. dr. Ferreira Pinto, o snr. presidente da camara municipal, e muitas e distinctas familias d'esta cidade.

A's 3 horas da tarde chegou ao edificio o venerando prelado, que era aguardado á porta pelo rev. capellão das Irmãsinhas dos Pobres, algumas d'estas e a sua superiora, diversos bemfeitores e alguns ecclesiasticos. S. exc.^a rev.^{ma} entrou na capella provisoria d'aquella instituição de caridade, dando-se principio á cerimonia da exposição do Santissimo Sacramento, seguindo-se um discurso pelo rev. José Pinto de Moura, que comecou declarando que eram duas as solemnidades que alli se realisavam: uma ao inclito Padroeiro da Igreja, S. José, fazendo a apologia d'este santo; e outra, a da Caridade, que tão brilhantemente era exercida pelos portuenses, podendo-se esta cidade orgulhar de ser a primeira onde a Caridade procura todos os turgios e estabelecimentos pios, auxiliando com a sua esmoia tantos e tantos infelizes. Foi um discurso deveras commovente.

Serviu de mestre de ceremonias do ex.^{mo} snr. D. Antonio Barroso o rev. Joaquim Lopes.

O altar estava lindamente ornamentado com grande profusão de flôres naturaes e de lumes.

Terminada a festa religiosa, o ex.^{mo} snr. D. Antonio Barroso visitou todas as dependencias do edificio, ficando agradavelmente impressionado com as bellas e amplas salas destinadas aos dormitorios, sala de refeição, etc. No rez-do-chão estão a cosinha, a capella e diversas outras salas, tudo perfeitamente dividido, recebendo todas ellas muita luz e ar. O edificio, porém, ainda está muito longe da sua conclusão.

O ex.^{mo} snr. D. Antonio Barroso

deteve-se por momentos na sala destinada á arrecadação de roupas. examinando diversas peças, e dirigindo palavras de incitamento ás Irmãsinhas dos Pobres e elogiando-as pelo seu aturado e penoso trabalho.

O illustre prelado retirou-se cerca das 5 horas da tarde, dando o annel a beijar ás numerosissimas pessoas que alli se achavam.

As Irmãsinhas dos Pobres recolhem actualmente 36 velhos, sendo 12 do sexo masculino e 24 do feminino.

O edificio esteve exposto ao publico durante o dia, sendo grande o numero de visitantes.

A construcção é bem proporcionada, apresentando a fórma de um H, de que apenas está construida a ala transversal.

Os aposentos são bem ventilados e banhados de abundante luz.

Os tectos são formados em abobadilha de cimento e os pavimentos revestidos de mosaico, ficando assim incombustiveis.

Por fóra do edificio correm, á altura dos dous andares, varandas de ferro, com o pavimento tambem de cimento.

O systema de esgostos é perfeito, havendo a distancia do edificio uma ampla fossa movel, que pelas suas dimensões é digna de nota.

Orna a frente da capella uma colossal estatua de S. José, esculpida em granito e copiada da que Soares dos Reis modelou em gesso para a capella do snr. Pestana.

A construcção está muito bem feita, demonstrando a excellente direcção que teve e o bom desempenho dos serviços do acreditado empreiteiro snr. João Gomes da Silva Guerra.

Infelizmente, a parte que está feita é muito limitada e para mais não téem recrsos as Irmãsinhas dos Pobres. Crê-mos, porém, que não as desampará a cooperação da gente portuense, entre a qual souberam conquistar as mais vivas e justificadas sympathias.»

Fallecimento

Na freguezia de Argella falleceu o snr. Bernardo Lourenço Serro, proprietario, irmão do nosso particular e velho amigo o rev.^{mo} snr. Padre Luiz Antonio Lourenço Serro, digno capellão da Celestial Ordem da Trindade.

Ao nosso bom amigo, bem como a toda a familia dorida, enviamos sinceros pesames; e aos leitores pedimos as suas orações por alma do finado.

Violento incendio

No domingo 6 do corrente, pelas 8 e meia horas da noite um pavoroso incendio destruiu completamente a casa n.º 44 da rua de Bellomonte, onde es-

tava estabelecida a drogaria dos snrs. Santos & Santos.

A casa que era de 3 andarss e aguas furtadas ardeu toda, e foi tamanha a explosão causada pelos differentes productos chimicos ali amontoados que morreu um bombeiro, ficando outros feridos e sete praças da guarda municipal.

O bombeiro fallecido Bernardino José da Silva, exercia a profissão de guarda-soleiro, tinha 28 annos, e deixou ao desamparo viuva e cinco filhinhos.

O seu corpo que só muito tarde foi encontrado carbonizado entre os escombros foi dado á sepultura no cemiterio do Prado do Repouso, sendo todas as despezas costeadas pelo bene merito armador, snr. Francisco Monteiro.

Os prejuizos são calculados em reis 30:000\$000; os quaes apenas são cobertos em 20:000\$000 nas companhias Bonança e Confiança.

A camara municipal, na sua sessão de 10 do corrente, resolveu dar á viuva do fallecido bombeiro o subsidio de 400 reis diarios emquanto não der collocação aos filhos, um dos quaes é ceigo e outro paralytico.

A viuva que ficou, oomo é de crer, em precarias circumstancias, tem recebido muitos donativos, o que prova que a caridade não é uma palavra vã n'esta cidade.

Progresso Catholico

Compra-se n'esta administração o n.º 5 do 1.º de Março de 1897.

EXPEDIENTE

Vida popular de S. João de Deus

Alguns de s nossos assignantes tem-nos pedido as fl. 1 a 4 d'esta importante obra, mas temos a declarar-lhes, que em poucos dias se esgotou uma tiragem de dous mil exemplares; mas vamos brevemente fazer nova edição e satisfazemos esses pedidos. Aos snrs. assignantes em debito pedimos que nos mandem satisfazer o mais breve possivel.

A administração.